

## Dum poema inglês de John Gower e da sua tradução do português para o castelhano

Não vamos estudar a árvore genealógica dos Pains, desde o tempo em que D.<sup>a</sup> Filipa de Lencastre os trouxe da Inglaterra. Em Portugal, têm o escudo de armas franchado de prata e de negro, com um leão entrecambado e armado de vermelho. Por timbre, o leão do escudo<sup>1</sup>.

Para o nosso fim, basta lembrar uma declaração de 1535, por D. João III: «A quantos esta minha carta virem, faço saber que Christovão Pinto de Paym, morador na mesma cidade de Lixboa, me fez petição como elle deçemdia por lynha direita sem bastardia da jeraçã e linhagem dos Payns que nestes reinos sam fidalgos de cota d'armas [.....], filho legitimo que foy de Ruy Lopez Paym e neto de Isabell Paym que foy filha legitima de Valentym Paym, fidalguo da casa delRey dom Duarte [.....] que foy filho legitimo de Thomaly Paym, fidalguo da casa delRey Dom João o primeiro, o qual veio d'Imgaratera com ar Raynha dona Felipa d'Alemcrasto, e que de direito as mesmas armas lhe pertencem», etc.<sup>2</sup>.

É sabido que, na companhia de Tomalim Paim, veio o seu irmão Roberto Paim, da casa da Rainha D.<sup>a</sup> Filipa, conforme consta dum documento de 1402: «Ruberte Paym»<sup>3</sup>. Foi este o tradutor em português da *Confessio Amantis*, de John Gower, empresa já terminada quando D. Duarte deu a última demão ao *Leal Conselheiro*. Com efeito, logo no prefácio, declara D. Duarte que nomeia sempre as obras e lugares donde tirou isto ou aquilo, a exemplo de John Gower, na *Confessio Amantis*: «filhando em esto exemplo daquel autor do Livro do Amante que certas estorias

<sup>1</sup> ARMANDO DE MATTOS, *Brasão de Portugal*, t. 2 (Porto, 1943) n.º 1237.

<sup>2</sup> Torre do Tombo, Chancelaria de D. João III, liv. 45, fl. 19 v.

<sup>3</sup> *Monumenta Henricina*, t. 1 (Coimbra, 1960) p. 290. Ed. por Dias Dinis.

em el screveo de que se filham grandes boos conselhos e avisamentos»<sup>4</sup>.

A versão portuguesa desta obra figurava na lista dos livros do rei, sob o título sóbrio de *O Amante*. Não se tratava de nenhum exemplar emprestado.

Infelizmente, desapareceu a versão portuguesa, feita por Roberto Paim, e temos de nos contentar com a versão medievo-castelhana, à base do português. Existe manuscrita no Escorial e foi impressa na Alemanha (Leipzig, 1909), por A. Birch-Hirschfeld: *Confision del Amante por Joan Goer*.

Vale a pena transcrever estas linhas que antecedem a versão castelhana: «Este libro es llamado confisyon del amante el qual compuso Juan Goer natural del rreyno de Ynglaterra. E fue tornado en lenguaje portogues por Rroberto Paym natural del dicho Reyno e canonigo de la çibdad de Lixboa. E despues fue sacado em language castellano por Juan de Cuenca vesino de la çibdad de Huetex»<sup>5</sup>.

Como foi tal obra parar às mãos de Juan de Cuenca, na sua versão portuguesa? Uma hipótese seria ter a rainha D.<sup>a</sup> Leonor, ou alguém da sua casa, levado consigo para Espanha o manuscrito da biblioteca del-rei D. Duarte.

Claro que a rainha, em conflito com o infante D. Pedro, seu cunhado, tinha mais em que pensar. Porém, já não dizemos o mesmo de qualquer clérigo seu, espanhol e dominando bem o português, talvez o próprio Juan de Cuenca.

À falta do português, utilizamos a versão espanhola de João de Cuenca. E é possível que a leitura desta obra deixe muita gente admirada, ao ver a simpatia da séria corte portuguesa pela irreverência algo ambígua da *Confessio Amantis*. Nesta obra, figura um sacerdote de Vénus a confessar John Gower, fazendo-nos pensar em Baco paramentado de padre, nos *Lusíadas*. Acrescentemos o tom goliardesco e a frescata de alguns exemplos e conselhos, para termos uma ideia geral do tom desta alegoria, a desenrolar-se entre duas águas.

Para além duma vasta ficção alegórica, esta obra entra igualmente na literatura de *exempla*. Disto, do seu humor algo atrevido

---

<sup>4</sup> D. DUARTE, *Leal Conselheiro* (Lisboa, 1942) p. 7. Ed. Piel.

<sup>5</sup> *Confision del Amante por Joan Goer* (Leipzig, 1909) p. III. Ed. por Adolf Birch-Hirschfeld.

e da fidelidade ou não, entre a versão e o poema inglês original, falaremos um pouco. Começamos pelo autor e pela gestação da *Confessio Amantis*, momentaneamente perturbada pela política.

O poeta John Gower († 1408) foi contemporâneo de Ricardo II da Inglaterra e talvez seu amigo pessoal. Fixemo-nos bem nas três obras principais deste «esquire» de Kent: O *Speculum Meditantis*, a *Vox Clamantis* e a *Confessio Amantis*, para não falarmos das *Cinkante Balades*, aliás cinquenta e duas.

O primeiro livro está em verso francês e descobriram-no em 1895, sob o nome de *Mirour de l'omme* (Espelho do Homem). Também ele tomou a forma duma alegoria, em torno dos sete pecados capitais e das virtudes contrárias. A segunda obra, *Vox Clamantis*, esta, sim, escreveu-a John Gower em versos latinos, a propósito da revolta dos camponeses e dos hereges *lolardos*. Finalmente, temos o poema inglês *Confessio Amantis*, de moralismo e humor por vezes bastante ambíguos, uma arte de amar para maiores de 18 anos — e nem talvez para todos.

Era grande o prestígio de John Gower. Com efeito, Chaucer enviou-lhe o manuscrito de *Troilus and Criseide*, chamando-lhe «moral Gower». Além disso, na introdução ao *Man of Law's Tale*, fala-nos com graça da *Confessio Amantis*.

Por seu lado, Gower, lá para o fim da primeira redacção da *Confessio Amantis*, em 1390, diz-nos que Vénus, ao despedir-se dele, enviara cumprimentos a Chaucer, também ele discípulo e poeta de Vénus:

And gret wel Chaucer whan ye mete,  
 As mi disciple and mi poete:  
 For in the floures of his youthe  
 In sondri wise, as he wel couthe,  
 Ot ditees and of songes glade,  
 The whiche he for mi sake made,  
 The lond fulfild is overal.  
 Whereof to him in special  
 Above alle othre I am most holde.  
 Forthi now, in hise daies olde,  
 Thow schalt him telle this message.  
 That he upon his latere age,  
 To sette an ende of alle his werk,  
 As he which is myn owne clerk,  
 Do make his testament of love,  
 As thou hast do thi schrifte above,  
 So that mi Court it mai recorde.

E na versão medievo-castelhana, através do português: «pero saluda de mi parte a Chauçer mi diciplo e mi poeta, quando con el topares, el qual por mi en la flor de la su mançebia fiso toda su deligençia para conponer y escrevir desires y cantares de diversas maneras, de los quales toda la tierra es llena, por la qual cosa en espeçial le soy mucho tenuta mas que a ninguno de los otros. Por ende dile que le enbio desir que el esta en su postrimera hedad por dar fin a todas sus obras, se travaje de faser su testamento de amor, asi commo tu has fecho agora en tu confision»<sup>6</sup>.

Ao tempo da primeira redacção da *Confessio Amantis*, John Gower mantinha boas relações com Ricardo II († 1400) e confessa-nos que ele lhe pedira para escrever a obra. A vida, porém, dá muitas voltas. Em 1399, o rei abdicou no seu rival Henrique de Lencastre. Teria John Gower pressentido a futura desgraça de Ricardo II? Seria por motivos de ordem pessoal? O certo é que, na redacção da *Confessio Amantis* de 1392/1393, o nome de Ricardo II desapareceu do prólogo, substituído pelo de Henrique de Lencastre. E também desapareceu a referência simpática a Chauçer, como se um conflito qualquer viesse separar os dois poetas.

A versão portuguesa, graças a Deus, vem dum apógrafo alheio a tais mudanças. Mantém o elogio de Chauçer e, no prólogo, fala com simpatia de Ricardo II e de como este lhe pedira para escrever a *Confessio Amantis*. E não só no prólogo fala do rei com simpatia. Também no último capítulo<sup>7</sup>: «que trata en commo el author escreve las onrradas e vertuosas costumbres del rrey Ricardo su señor, rrogando a Dios debotamente que en onrra sienpre su estado quiera guardar, e despues de su muerte a su alma de folgura para sienpre». E oferece-lhe a *Confessio Amantis*: «yo ofresco a su alta nobleza este pobre libro escripto de mi simple travajo a los tienpos que para ello la mi enfermedad me dava lugar».

Por sinal que John Gower, aqui, aponta de leve a interpretação a dar a tal obra: «quando este libro començe de escrevir», já disse que «parte de las cosas podian ser tomadas por plaser e rreir, e por seso a los que de seso quisiesen usar, asi que lo uno por bien e lo otro por solas e plaser yo lo tengo acabado»<sup>8</sup>. Aqui temos nós

---

<sup>6</sup> *Ib.*, pp. 507-508.

<sup>7</sup> *Ib.*, pp. 508-510.

<sup>8</sup> *Ib.*, p. 509.

a finalidade essencial da *Confessio Amantis*: em parte, fazer rir e agradar ao leitor, e em parte, dizer coisas ajuizadas, tudo conforme a vontade de cada um. Por um lado, o bem. Por outro, o prazer e o solaz. E John Gower, como o Arcipreste de Hita, deixa-nos a impressão de que as mesmas coisas podem servir para ambos os fins, conforme a intenção do leitor.

Escrevia para gente responsável, gostava de pedagogia de ar livre e estava persuadido, obscuramente, de que viver é arriscar-se, até na literatura. No entanto, sentimos nesta obra e no *Livro de Buen Amor* um não sei quê de velhotes frascários, embora com sobressaltos de boa consciência.

No prólogo, declara ser da sua intenção escrever para o rei se distrair com o sabor da leitura. Iam ambos pelo Tamisa, cada qual no seu barco, e ordenou-lhe Ricardo II que passasse para o barco dele. Assim fez, e acedeu a escrever o livro, apesar de andar adoentado: um livro sério, para gente séria, e de prazer para quem assim quisesse: «un libro en tal manera que sea seso a los sesudos e plaser a los que plaser quisieren tomar». Em suma, o que nestas páginas pode haver de imoral, devemos lê-lo para rir e não com intenções criminosas. Supunha tudo isto que não era leitura para meninos de coro.

Que apógrafo tomou Roberto Paim para a sua tradução em medievo-português e qual a sua perfeição? Já sabemos que era da primeira redacção, e nada nos leva a crer que tivesse defeitos notáveis. Ao acaso (tão ao acaso que o tiramos duma selecta inglesa) vamos pôr o inglês arcaico da lenda de Alcíone e Céix, lado a lado com a retradução castelhana, para o leitor poder ir formando o seu juízo:

This finde I write in Poesie:  
Ceix the king of Trocinie  
Hadde Alceone to his wif,  
Which as hire oghne hertes lif  
Him loved; and he hadde also  
A brother, which was cleped tho  
Dedalion, and he per cas  
Fro kinde of man forschape was  
Into a goshauk of liknesse;  
Wherof the king gret hevynesse  
Hath take, and thoghte in his corage  
To gon upon a pelrinage  
Into a strange regioun,

Fallase enxemplo en poesia, en  
commo Çeix el rrey de Trocinia tovo  
una muger llamada Alçeona, la qual  
amo tanto a su marido commo a su  
coraçon. Este rrey tovo otrosi un  
hermano llamado Dedalion, cuya ven-  
tura fue tal que, de onbre que era, fue  
trasmudado en semejança de açor. El  
rrey tomando por esto mucha tristesa,  
penso en su coraçon de yr en rrome-  
ria a una tierra estraña, donde avia  
deboçion de faser sacrefiçio e orar  
por tal que por algun modo a los

Wher he hath his devocioun  
 To don his sacrifice and preie,  
 If that hi mihte in eny weie  
 Toward the goddes finde grace  
 His brother hele to pourchace,  
 So that he mihte be reformed  
 Of that he hadde be transformed <sup>9</sup>.

dioses pudiese aplacar, porque su  
 hermano oviese salud e fuese rrefor-  
 mado a su estado primero <sup>10</sup>.

Tradução certa e densa, sem estilo verboso nem omissões que valha a pena fixar. E o resto segue como narra Ovídio. Céix resolveu, pois, embarcar, a caminho do santuário, fora do seu reino, e Alcíone acompanhou-o até à praia e perguntou-lhe quando voltaria. Antes de dois meses!, respondeu ele. E despediram-se com pena. Passou um mês, passaram dois, e nada. Muito rezou Alcíone à deusa Juno, até que, em sonhos, viu o cadáver de Céix, desnudo, junto da praia. No mar se afogara e o mar para ali o trouxera. E de facto, lá estava ele, não bem na areia mas balançado pelas ondas do mar, ao romper da manhã. Alcíone atirou-se às águas, de braços estendidos e coração ansioso. Morreria o marido amado. Morreu depois a mulher e os deuses tiveram dó. Ressuscitaram-nos misericordiosamente, transformados em aves, a voar sobre as águas do mar. E ela, ao ver o marido em forma de ave e os dois a voar juntos, alegrou-se imenso, beijava-o e envolvia-o nas asas, como se o quisesse ainda abraçar. Nunca mais morreram e deles descendem os alcíones, ainda hoje em bandos ao longo do mar, de asas abertas e soltando gritos lamentosos.

Num caso, salta à vista a hispanização de certas expressões, como jurar *be seint Julien*. No castelhano, aparece sob a forma castiça de jurar por S. Tiago: «jurovos por Santiago»... <sup>11</sup>.

Resumamos, agora, os oito livros da *Confessio Amantis* e deslindemos a tessitura da sua efabulação alegórica, em que Génius, *clérigo* da deusa Vénus, vai escutando e aconselhando John Gower, já velho e tristemente apaixonado. Mas a confissão de John Gower não vem logo no começo.

Com efeito, nos primeiros dez capítulos, quase à mancira de introdução, descreve John Gower, em traços negros, a situação religiosa e social da Inglaterra e do mundo. Que via ele na sua

<sup>9</sup> KENNETH SISAM, *Fourteenth Century Verse and Prose* (Oxford, 1937) pp. 131-132.

<sup>10</sup> *Confision del Amante por Joan Goer*, ed. cit., pp. 206-207.

<sup>11</sup> *Ib.*, p. 126.

terra? O povo oprimido pelas injustiças, agitado pela *lolardia* e outras heresias, sem haver respeito por ninguém! Antigamente, insiste ele, havia mais saúde e mais riqueza. Respeitava-se a realeza, as cidades não se revoltavam, o povo obedecia às leis e beijavam-se uma à outra a Justiça e a Paz.

Não havia então amor invejoso. Agora, tudo mudou. Incendiou-se a discórdia no mundo, os reinos andam em guerra e desapareceu a justiça. Ora, não devemos admitir que o ódio quebrante a lei do amor, pois é esta que salva os povos da ruína.

Na Igreja, a mesma desgraça. As chaves de S. Pedro transformaram-se em espada. Os bispos e clérigos só procuram riquezas e honras, sem se lembrarem das obras de misericórdia. E o cisma divide a Igreja. Entre os letrados, nasceram novas seitas de *lolardia*. O direito não impera e os clérigos tosquiavam ambiciosamente as suas ovelhas, sem as defender dos lobos. Deste modo, «el corral de Christo esta vasio»<sup>12</sup>.

Que razões há para tanto amor das coisas mundanais, se tudo passa e a Fortuna é uma roda inquieta? Só dura o que é eterno. O resto assemelha-se à estátua de Nabucodonosor, com os pés de barro frágil. Que é feito de Roma? Está reduzida a um campo despovoado, onde antigamente se erguiam nobres palácios. Quem a arruinou? O desentendimento, o cisma, o desejo de bens mundanais. Ninguém pode servir a dois senhores, a Deus e ao Mundo. Se o faz, mau será o seu destino. Todo o mal vem dos homens, porque o desentendimento e o ódio estão na raiz da decadência. Até a alma e o corpo lutam entre si e, se este vence, perde-se o homem. Sujeite-se o corpo e unam-se os homens. Então, o lobo e o cordeiro, a lebre e o galgo viverão em paz.

Até aqui, tudo certo e austero como as páginas dum catecismo antigo. Mas o pior é que Gower desanima de pregar o amor de caridade, que é a única força capaz de salvar o mundo. E volta-se para o outro amor.

Eu não posso endireitar o mundo!, exclama ele, num desespero mais fictício do que real. Por conseguinte, vou mudar de estilo, pois de contrário ainda será pior. A verdade é esta: O mundo assentou sempre no amor. Mas este não tem regra que o homem seja capaz de aguentar. Não pretenda ninguém «tenprar la mesura del amor, sino contentarse com aquello que dello le viniere; ca seso

<sup>12</sup> *Ib.*, p. 7.

nin fuerça no puede a ello ayudar, nin ay ninguno que para esto pueda poner rremedio». Até hoje, ninguém achou remédio para a doença «que dios tiene puesta en la ley del amor»<sup>13</sup>. Até o nosso juízo está nas mãos do amor, pois este «no quiere atender a ninguna rrason». Foi o que me aconteceu.

Têm, pois, o seu humorismo, os austeros capítulos a louvar o amor de caridade e desculpam as páginas de sabor ovidiano que virão depois. A culpa é dos homens. Eles não querem outra coisa! Aliás, o falso amor tem mais força do que todas as nossas razões. Teoricamente, devíamos seguir todos pelo caminho que tracei. Na prática, metemos pela senda contrária. Sina é esta afortunada por um lado e desastrada por outro. Sim, desastrada. E se ele, John Gower, vai agora contar a sua aventura, fá-lo para saberem todos que a alegria de agora é a tristeza de amanhã<sup>14</sup>.

Como se desenrola a estrutura dos livros em que se divide esta obra?: Confessando-se Gower ao sacerdote de Vénus, percorrendo a um por um todos os sete pecados mortais e dando, por vezes, à palavra amor uma extensão capaz de englobar vários sentidos bons e maus. Como diziam os filósofos do tempo, as paixões reduzem-se, sem excepção, ao amor e ao ódio. E este é o amor em direcção contrária.

Após uma série de incongruências, a que ele pouca importância liga, John Gower acaba por afirmar que Vénus é uma deusa falsa e o sacerdote Génius não vale mais do que ela. Mau gosto? Não tanto. Estamos num género de literatura a que podemos chamar lúdica, sem com isso excluir a seriedade e a análise psicológica.

No livro da inveja, logo em segundo lugar, reflecte-se, com fidelidade, o processo geral dos restantes livros. Que é isso de inveja? Tristeza da alegria alheia! John Gower confessa a sua inveja ciumenta. Como ele odeia os seus rivais! O confessor diz-lhe não haver razão para tal e conta-lhe uma história, porque na Idade Média, fora das Universidades, ia tudo à força de histórias, razões vivas e parábolas. A Razão desnuda não entrava ali, sem pôr alguns trapos em cima do corpo demasiado abstracto. Gower ouviu a história, escutou os conselhos de Génius e prometeu emendar-se. Estará tudo acabado? Não. Há outros vícios a medrar na inveja, entre eles a alegria pela desgraça dos outros. Também aqui,

---

<sup>13</sup> *Ib.*, p. 18.

<sup>14</sup> *Ib.*, p. 19.



o penitente pede ao confessor que lhe perdoe. E lá vem outra história — dum homem que não hesitou em perder um olho, só para o seu companheiro perder os dois! Vejam lá até onde pode levar a inveja.

Temos ainda a detracção, dar à língua contra os rivais. Sim, John Gower também anda com mexericos e diz à sua amada o pior que sabe dos outros namorados. Mais um erro, nota o confessor. Devia lembrar-se que a senhora dos seus encantos é mulher de juízo e sabe ver por si! E a história da fiel Constância vem mesmo a talho de foice, para Gower aprender. E assim por diante. Remédio para a inveja? A caridade, que é amor não egoísta. E aqui temos uma resposta digna dum asceta da Tebaida.

Vamos resumir agora a vasta alegoria da *Confessio Amantis*. Alegoria, talvez não, antes uma espécie de ficção parodiante, meio católica e meio pagã, cujo diálogo se desenrola à base da imitação do sacramento da penitência — imitação que não chega a paródia perfeita, embora tenda um pouco para ela. Há muito de indefinição nesta literatura ambígua e lúdica. Mas é melhor desenvolver.

Foi uma forte, subtil e maravilhosa aventura que lhe aconteceu, insiste ele. Apareceu-lhe Vénus e um cupido alado e sagitário. O coração do pobre Gower incendiou-se ainda mais e a deusa nascida das espumas mandou-lhe então o sacerdote Génius, para o aconselhar e absolvê-lo dos pecados contra o Amor.

É uma arte de amar, sob o signo de Ovídio, e também uma arte de galantaria e um livro de exemplos. O episódio de Ulisses e das sereias ensina-nos a fechar a porta dos sentidos contra a mentira dos sedutores. A simpleza de Paulina (enganada por um *duque* frascário e dois *clérigos* de Ísis) e as artimanhas do cavalo de Tróia mostram bem que a hipocrisia traz consigo os ventos das desgraças irreparáveis<sup>15</sup>.

A obediência amorosa de Florente liberta a velha princesa do seu fado sinistro — e ei-la transformada em mulher sempre linda. E isto foi posto em *corónica*, acrescenta Gower. Após a lenda oriental da trombeta da morte (e que vem, por sinal, no *Horto do Esposo*), lemos a «estória que Ovidio rrecuenta», acerca de Narciso enamorado da própria imagem reflectida nas águas.

Abundam casos da literatura greco-romana e Gower tomava-os todos a sério, por exemplo os irmãos Demétrio e Perseu e o filho do

---

<sup>15</sup> *Ib.*, pp. 25-26, 29-33, 34-36.

imperador à procura de aventuras pelo mundo. Constantino cura-se da lepra, a mulher de Sócrates despeja um cântaro de água na cabeça pensadora do marido, enfim anedotas da vida e da morte de Alexandre Magno, tudo isto ganha significação doutrinal e, ao mesmo tempo, distrai o leitor<sup>16</sup>.

Dramaticamente, sai-nos ao encontro a história triste de Albino e Rosamunda, também ela resumida nos *Flos Sanctorum* de 1513. Albino era rei dos Lombardos e matou na guerra el-rei Gormondo. Depois, cortou-lhe a cabeça e, da caveira, mandou fazer uma taça para beber. Assolou a terra, cruzou-a em todos os sentidos como uma peste inexorável e aprisionou Rosamunda, filha do rei vencido. Apaixonou-se pela rapariga, de tão linda que era, e casaram. Certo dia, resolveu organizar uma grande festa. Veio fidalguia de todos os lados e, ao jantar, lá estava a taça diante do rei dos Lombardos, feita da caveira de Gormomdo. Mas tão bem trabalhada que nem parecia uma caveira, antes lembrava *un huevo de abestrus* (um ovo de avestruz). Cheio de soberbia, mandou Albino que lha enchessem de vinho e ofereceu-a à mulher: Senhora, disse ele, bebei com o vosso pai!

Rosamunda obedeceu, fingiu que gostava e calou-se. Ao levantarem-se todos, disse que estava doente, retirou-se na companhia duma donzela e chorou amargamente. E o que ela fez para se vingar, nem às paredes o confessaria, mas soube-se tudo. De facto, Rosamunda vingou-se a valer, roubou o que pôde e fugiu para Ravena com o amante. Quem as fez que as pague. E ambos pagaram depois. Todos pagaram, sobretudo por se gabarem do que fizeram. E assim, quem no amor quiser ganhar, deve lembrar-se que é na língua que está a chave da honra<sup>17</sup>.

Eram historietas bonitas, ora de rir ora de chorar, e vinham da antiguidade, das crónicas e da Bíblia. Tudo servia. A visão de Nabucodonosor e a sua loucura, a estória de Petronilha e do que respondeu às três misteriosas perguntas do rei de Espanha, segundo lemos *en los libros*, o *anel do esquecimento*, que Moisés ofereceu à rainha da Etiópia, e a morte da filha de Jefte formavam um regato agradável de ouvir<sup>18</sup>.

Apaixonado pela nereida Galateia, o gigante Polifemo brama como um urso e esmaga o rival com um pedregulho. E o corpo

<sup>16</sup> *Ib.*, pp. 39-54, 96-100, 109-113, 119-124, 135-136, 144-145, 162-164.

<sup>17</sup> *Ib.*, pp. 56-59.

<sup>18</sup> *Ib.*, pp. 60-65, 65-71, 178-179, 191-192, 372-456.

morto do vencido transforma-se em fonte. Júpiter envia um mensageiro a ver como os homens se tratam uns aos outros e verifica que a inveja domina a redondeza do mundo. Hércules morre queimado na túnica embebida no sangue do sagitário Néssus. Um filho e uma filha de Éolo amam-se pecaminosamente e acabam por suicidar-se. Tirésias transforma-se em milhafre. Com pena de ter matado Coronida, por denúncias do corvo, Febo fez que a maldita ave, de branca que era, se tornasse mais preta do que o carvão <sup>19</sup>. E seguem mais fábulas do mesmo sabor, algumas delas sentimentais, outras porém semelhantes a novelas breves, se acaso se lembrassem de crescer um pouco mais.

Não faltam, claro está, referências aos livros de Tróia <sup>20</sup> e vemos a fama de asas ligeiras a espalhar a notícia funesta do assassinio de Clitemnestra, por Orestes. E também não falta o longo romance de Apolónio de Tiro <sup>21</sup>, bastante vulgarizado pelos *Gesta Romanorum*. Encontramos, até, uma carta de Penélope endereçada a Ulisses e inspirada em Ovídio, porém mais curta, carta já conhecida pela terceira parte da *General Estoria* <sup>22</sup>. E para elucidação do leitor, lembramos, de passagem, que tal correspondência entra na linha genealógica onde mais tarde se inseriram as missivas apócrifas de Mariana Alcoforado.

Baco, Sileno, Vulcano, Marte, Saturno, Vénus <sup>23</sup> e os argonautas, em busca do velo de oiro, passam todos por estranhas aventuras. E com arte, servem para endereçar Gower no bom caminho, pois o clérigo Génius sabe tirar de cada flor o mel duma boa lição.

Por outro lado, verificamos, aqui e além, a sacralização vocabular do director espiritual de Gower, a quem este diz *vuestra santidad*, como se estivesse a falar ao Papa. Ou então, esta frase: «yo me confieso a Dios e a vós» <sup>24</sup>... E para acabar este ponto, recordamos a referência à mulher e à filha de Apolónio, como se elas entrassem para um convento e promettessem cumprir a regra <sup>25</sup>. No *Libro de Appollonio*, em castelhano antigo, a graça ainda é maior, pois a mãe da rapariga, feita abadessa, costumava rezar o saltério.

---

<sup>19</sup> *Ib.*, pp. 72-76, 104-106, 127-131, 137.

<sup>20</sup> *Ib.*, pp. 140-141, 152-159.

<sup>21</sup> *Ib.*, pp. 462-490.

<sup>22</sup> *Ib.*, p. 171.

<sup>23</sup> *Ib.*, pp. 270-285.

<sup>24</sup> *Ib.*, pp. 74-75.

<sup>25</sup> *Ib.*, p. 477.

A *Confessio Amantis*, na versão de Roberto Paim infelizmente desaparecida, aproximava os leitores portugueses do mundo clássico e alargava o âmbito da Idade Média. E como já dissemos, surgem apaixonantes narrativas de sofrimentos e aventuras erradias por mar e por terra, numa série de encontros e desencontros, com o sabor das novelas bizantinas. Dum modo especial, lembramos ao leitor de hoje que *Apolónio de Tiro*, escrito originalmente em grego e posto em latim do séc. iv, adaptado em francês e provençal e refundido em vários idiomas, pertence ao género a que os franceses chamam «roman courtois».

Já vimos que a *Confissão do Enamorado*, como diríamos hoje, enquadra-se literariamente numa ficção do sacramento da penitência, um pouco *traduzido em pagão*, nascendo assim uma pedagogia de amor perto da luxúria e de mãos dadas com o esbracejar dos sete pecados mortais, em relação natural ou forçada com o erotismo radical do homem.

O sacerdote Génius vai guiando John Gower, mas por caminhos nem sempre ascéticos. Longe disso! Com o humor sério e algo desconcertante dalguns ingleses? É possível e não o devemos esquecer. Mas o Arcipreste de Hita fez o mesmo e nada tinha de inglês. Navegamos entre duas águas e jogamos, com vontade ou sem ela, cartadas atrevidas e algo donjuanescas. É verdade que Génius aconselha John Gower a não pecar por luxúria. Isto, porém, não destrói a linha predominantemente amoral de muitas destas páginas, por vezes duma frescata magnífica. Quanto às intenções de Gower, isso é outro caso.

Os homens da Idade Média eram, por vezes, bastante compreensivos, gostavam de chalaças e inclinavam-se para interpretar bem os livros do mundo clássico e seus derivados, entre eles a literatura de raiz ovidiana, por exemplo a *Confessio Amantis*. Não estranhemos, por isso, ver um cónego, à sombra de D.<sup>a</sup> Filipa de Lencastre, a traduzir simpaticamente esta arte de amar, onde há muita coisa boa e divertida. Chegamos até a ver o ridículo do pecado, talvez sem o autor pensar nisso.

Mais tarde, descobrimos Tomás Moro a dar ao *Elogio da Loucura*, de Erasmo, uma significação aceitável, para além de todas as suas ambiguidades. E lembramo-nos então que o cónego Roberto Paim pertencia à mesma raça psicológica do autor da *Utopia*, capaz de detectar o que há de verdadeiro e saudável em certas obras de riso e sorriso, para maiores de dezoito anos.

Arte de amar, escrevemos nós. Porém, dissemos atrás que o livro sétimo<sup>26</sup> consiste numa arte de bem governar. Contudo, perguntamos logo se bem governar não será uma forma ampla desse «amor de caridade» a que a obra se refere no começo, fazendo justiça, unindo os povos e procurando o bem de todos. E são estas páginas que abrem uma ampla clareira no campo erótico da obra, restituindo-lhe a seriedade do começo, embora tornando a obra sem graça por aí além.

Voltando à efabulação, não lhe falta certa poesia primavera e sugestiva. Pelo mês de Maio, o velho e apaixonado John Gower entrou num bosque florido. Cantavam os passarinhos, cada qual buscando o seu par. Só Gower chorava num plaião verde e formoso. Ergueu os olhos ao céu, suplicou a Vénus e a Cupido que tivessem pena, porque sofria muito e receava perder o juízo. Que a deusa graciosa atendesse às suas queixas!

Eis senão quando, apareceram-lhe benignamente Vénus e Cupido! Com donaire, pediu-lhe Vénus para não se afligir. Gower, porém, só pensava numa coisa: teria ele cura ou não? E longamente, fez ele ver à deusa do amor há quanto tempo já a servia na sua corte! Desejava agora a recompensa, quer dizer, felicidade e não sofrimento.

Zangou-se a deusa, falou dos preguiçosos que fingem trabalhos imaginários e perguntou-lhe de que sofria. Que se confessasse ao seu *clérigo* Génius e nada lhe escondesse em pensamentos, palavras e acções. Tudo!

John Gower ergueu a cabeça e, perto dele, sentou-se o *honrado clérigo* de Vénus, homem santo e discreto. Foi ele a abrir o diálogo, com a frase sacramental de então (*Benedicite...*).

Não há que dizer. Génius é simpático e fala com benevolência: Meu filho, deves descobrir-me os altos prazeres e todos os aborrecimentos que até aqui sentiste por teres amado.

Como todos os cristãos do seu tempo, John Gower conhecia a técnica da confissão, digamos assim, e empregou-a na estruturação algo alegórica desta obra complexa. Contudo, no desenrolar do assunto, faz-nos sentir, por vezes, o tom duma paródia amável da confissão.

O sacerdote de Vénus explica a John Gower os vícios que impedem o caminho do bem-querer e não se poupa a contar

---

<sup>26</sup> *Ib.*, pp. 372-456.

histórias antigas de desgraças causadas por erros e pecados contra o amor. E Génius parece um apóstolo a falar dos males dos pecados mortais, por exemplo da hipocrisia dos religiosos e dos leigos, passando a ouvir a confissão humilde do seu dirigido.

Quanto à hipocrisia, John Gower afirma que está livre de tal sarna. Aliás, não precisa de mostrar rosto fingido à senhora dos seus pensamentos. Outros, sim.

Deste modo vai seguindo o livro, ora cristão a sério, ora leviano, na mistura desconcertante do sagrado e profano. A cada passo, tropeçamos em contradições de tom e de fundo, mas o velhote amoroso não dá por isso ou não está para se ralar. O essencial é levar tudo para a frente, como um recoveiro a conduzir uma fila de machos um pouco ao deus-dará, mas sem nunca parar.

A hipocrisia, eis o primeiro ramo da soberba! O segundo chama-se desobediência, que tanto desfeia os namorados rebeldes aos *mandamentos de amor*. Segue-se a presunção, enraizada na soberba. John Gower pede ao honrado clérigo que lhe conte o caso da trombeteira da morte, passado na Hungria, diz ele<sup>27</sup>, mas que vem na lenda oriental de S. Barlaão e S. Josafá.

Temos a vanglória, semelhante ao *falcão altaneiro*. Também ela não passa de soberba. É ela que leva os homens a querer agradar e a fazer canções, rondós, baladas e virolais<sup>28</sup>. Contudo, ele, Gower, nada ganhou da sua amada, com tais canções.

Vai-se confessando ora disto ora daquilo, pede exemplos e não deixa nenhum pecado para trás, acusando-se até dos ciúmes que o atormentam. E a respeito da vanglória, ouve a história de Nabucodonosor. Bem no fundo, seria o amor verdadeiro ou antes a vaidade que levava Gower a compor os rondós, baladas e virolais? Eis uma pergunta inteligente de Génius.

O clérigo de Vénus mostra-lhe o perigo dos ciúmes. Que se lembrasse de Polifemo, a urrar como um urso e a atirar pedregulhos para cima de Ácis, pelo amor que tinha a Galateia! Porém, que se havia de fazer? Gower continua a ser franco com *sua santidade* e repete: Eu me confesso a Deus e a vós<sup>29</sup> de me alegrar com os insucessos dos meus rivais...

Benevolmente, Génius lembra-lhe que há outra inveja ainda pior, a saber, desejar o mal de alguém, sem daí vir bem nenhum.

<sup>27</sup> *Ib.*, pp. 49-53.

<sup>28</sup> *Ib.*, pp. 59-60.

<sup>29</sup> *Ib.*, p. 74.

Também aqui, Gower pecou, ao desfazer inutilmente nos seus rivais. Que fonte de pecados é a inveja! Dela nasce o vício de querer ficar por cima dos outros, em tudo e por tudo, colhendo uns o que outros semearam! E não olham a meios para triunfar no coração da sua amada!

O que uns fazem no amor, outros fazem-no buscando as honrarias as dignidades e os cargos. Ora, este pecado dá-nos cabo do sangue e não vale uma migalha nos caminhos do coração. Veio do boqueirão do Inferno, este pecado, e contra ele ergue-se a caridade, inclinada a querer bem aos outros. E o segundo livro da *Confessio Amantis* termina com os louvores desta virtude. Desta vez, mergulhamos no rio manso da ascese cristã.

Assim passam a pente fino todos os pecados capitais, entre eles a ira, mãe da melancolia, das intrigas e doutros males. Sim, também pecou neste ponto, confessa o enamorado Gower. Nunca, porém, se zangara contra a senhora dos seus pensamentos. Só desfazia na má vontade que lhe tinha.

Pois bem, mesmo assim não estava certo, observou-lhe o confessor. Por formoso falar, muitos ganharam no caminho do amor<sup>30</sup>. E por maus ditos e acusações, muitos perderam. O ódio é irmão das intrigas e, quando ele mora no coração de alguém, anima-o a vingar-se. Claro que Gower está longe de odiar a sua amada. Só detesta a brevidade e secura das palavras que lhe diz. E como se vingaria dos maldizentes!

O clérigo de Vénus encontra as expressões justas dum autêntico director espiritual e recomenda-lhe que odeie os defeitos, mas ame as pessoas. Quantas desgraças conta Ovídio, nascidas do ódio e seus companheiros! E a propósito, pergunta John Gower, será lícita a guerra? Bem, responde o confessor, são pecado as guerras só de ambição, pois não passam de pirataria em grande escala. Mesmo para converter infiéis, não está certo guerreá-los. Com efeito, Cristo enviou os apóstolos a pregar e tudo começou a andar mal quando a Igreja tomou a espada e deixou a pregação, perdendo na guerra o que ganhara na paz<sup>31</sup>.

Achamos que historicamente o problema é muito complexo, pois a Cristandade nunca deixou de todo a pregação e a espada muçulmana dominava a ferro e fogo imensos povos cristãos. Mas

<sup>30</sup> *Ib.*, pp. 131-135.

<sup>31</sup> *Ib.*, pp. 140-166.

enfim, é justo registrar a atitude de Gower. Assim os muçulmanos fizessem o mesmo e não martelassem, por exemplo, nas fronteiras do Império Bizantino, até o destruir.

Outro pecado contra o amor é a preguiça: Coisas feitas tarde e a más horas, timidez receosa do lobo no caminho, falta de coragem em falar ou em obedecer à mulher amada, tudo isto prejudica.

Também aqui, o velho e amoroso penitente tem de que se arrepender. Prepara-se sempre cuidadosamente para falar à senhora do seu coração mas, ao pé dela, ataranta-se, esquece-se de tudo e cala-se atrapalhado. Que sorte mofina<sup>32</sup>!

Por outro lado, a negligência é a secretária da preguiça. E que diremos do desmazelo? Sim, Gower desmazela-se aqui e além. Gasta muito tempo na arte de bem amar, mas fica depois ocioso e parado. No entanto, leva a sua senhora à missa, faz-lhe companhia quando ela borda, mostra-se atencioso com os pagens, até brinca com o cão-de-regaço dela e os pássaros da gaiola. Enfim, vai a seu lado a cavalo e fala-lhe quando pode. Se não pode, canta versos de Ovídio, sobre a dor e a felicidade dos que amam<sup>33</sup>.

Génius entusiasma-se com a esperteza de Gower e declara não ter nenhuma penitência a dar-lhe por tais habilidades amorosas. Que diferença entre Gower e tantos enamorados que nada querem fazer pela sua amada!

Passemos ao largo da lição de Vénus e «Don Cupido» à filha arisca do rei da Arménia, e fixemos bem esta conclusão de Génius: A Sr.<sup>a</sup> Vénus deseja que os seus devotos sigam a lei de Cupido!

No entanto a consciência cristã de John Gower leva-o aqui a sair da ambiguidade, notando a diferença entre amor sem lei e amor de casamento. Só este é o *bom caminho* das donzelas com idade para isso<sup>34</sup>.

Ao contrário do que veremos depois, o *clérigo* de Vénus aconselha Gower a ter paciência e esperança, pois restavam-lhe ainda alguns dados para jogar. O amor é a cabeça de todas as virtudes. Que John Gower se esforce, pois o homem nasceu para trabalhar como a ave para voar. Uns escrevem livros. Outros lavram a terra. Cam inventou as letras hebraicas. Heródoto foi o pai da História. Minerva ensinou a tecer. Nasceu a agricultura no mundo,

---

<sup>32</sup> *Ib.*, pp. 168-182.

<sup>33</sup> *Ib.*, pp. 182-187.

<sup>34</sup> *Ib.*, p. 191.



construíram-se forjas, descobriu-se a alquimia, Donato compôs uma gramática e Cícero criou belas frases. Tudo isto é sabedoria. Contudo, se desejás aprender a amar, vai ter com Ovídio<sup>35</sup>.

Sonolência, eis outro ramo da preguiça. Porém, Gower declara nada ter de que se acusar, neste ponto. Se a sua dama assim quer, ele não dorme. Passa a noite em claro, a cantar, a dançar, a jogar xadrez ou a ler para ela. Amaldiçoa até quem inventou o dormir (quem seria?) e compara-se ao rouxinol que não prega olho de noite. Em suma, galantaria, mais do que amor sexual. Talvez só para começar, julgamos nós.

Deixemos o resto da preguiça, mãe criadora de vícios. Entremos no quinto livro, em torno da avareza<sup>36</sup>. Num paradoxo bastante cómico, o *clérigo* de Vénus refere-se desdenhosamente aos deuses e deusas, ninfas e nereidas, que não passam duma lenda pegada, ou melhor, de vícios personificados. E ei-lo a fazer a apologia de Cristo e a desancar os hereges. Os *loldos*, declara ele, são o Anticristo. E lamenta o deplorável estado em que se encontra a Barca de Pedro, batida pelo comodismo e pela ambição dos maus prelados, pois a avareza é captoa das riquezas e nesses maus prelados tem ela os seus adoradores. À direita e à esquerda, cobiçam tudo, como as aves de rapina.

A parábola das arcas, contada neste livro, vemo-la também no *Horto do Esposo*. E a avareza entra em cheio na arte de amar e desamar. Há homens que amam e desejam todas as mulheres. Esta, por ser clara. Aquela, por ser fidalga. Uma outra, por sorrir agradavelmente e dançar na perfeição; etc. Ora, assim não está certo!

Alguns enamorados agarram-se ao dinheiro, incapazes de o dar com largueza. Como se pode amar e ser mesquinho? Ou uma coisa ou outra!

Mal haja quem bem não cuide, é a conclusão imprevista de certas páginas igualmente imprevistas da *Confessio Amantis*, onde não falta mesmo uma apologia da virgindade<sup>37</sup>. Deixa-nos a impressão duma freira a rezar numa quermesse pintada por Rubens.

A gula abrange todo o livro sexto<sup>38</sup> e fala-nos, por exemplo, da infeliz paixão de Tristão e Isolda, por causa do filtro que beberam sem dar por isso<sup>39</sup>. Tão grande perigo há em beber!

<sup>35</sup> *Ib.*, pp. 195-203.

<sup>36</sup> *Ib.*, pp. 218-336.

<sup>37</sup> *Ib.*, pp. 315-316.

<sup>38</sup> *Ib.*, pp. 336-372.

<sup>39</sup> *Ib.*, p. 342.

Eis mais uma distração digna dos *Lusíadas*. O clérigo de Vénus conta-nos a parábola do rico avarento e do lázaro pobre, entrando a seguir nas aventuras amorosas de Ulisses. Estaria Gower já cansado de ouvir o honrado clérigo a falar sempre de amor? O certo é que dá meia volta ao assunto, perguntando como é que Aristóteles ensinou a Alexandre Magno a arte de reinar. E Génius fez-lhe a vontade, em páginas maçadoras, aonde aflora a fábula grácil da montanha que deu à luz um rato. Bem contrada, por sinal. Já não estamos no campo do amor cortês, mas sim no campo eficiente da política em favor do povo, pela governação pública. Em rigor, a tal meia volta de que falámos não desviou a *Confessio Amantis* do seu tema essencial. Governar bem também exige amor.

No último livro, o amor-vulgar-de-Lineu toma de novo a palavra. No entanto, Génius declara que só deseja inclinar o coração de Gower para as virtudes e afastá-lo dos vícios. Assim o prometeu no começo e assim o cumpre agora, aconselhando-o a empregar o seu amor no bem da alma. O amor em que andas metido é pecado, continua ele. Por conseguinte, não o posso louvar<sup>40</sup>. E aqui temos uma conclusão cristã de longas páginas nem sempre cristãs, como se receasse ter ido longe de mais.

Nova aparição de Vénus, Gower diz-lhe como se chama e a bela deusa, de língua destravada, lembra-lhe que ele já não está para amar, pois rocim velho não é potro. Outra visão, desta vez de todos os amadores, novos e velhos: Tristão, Ginevra, Galeote, Jasão, Penélope, Alcíone, personagens bíblicas (entre elas Sansão e Dalila), o pagão Aristóteles a quem certa mulher enganou e pôs-lhe um freio na boca, Virgílio, Platão, Ovídio, enfim gente sem conto. Música, dança e sorrisos. Há em Gil Vicente uma passagem assim.

A uma prece dos velhos enamorados, Cupido arranca a seta erótica do coração de John Gower e Vénus traz-lhe um espelho, a fim de ele ver o rosto enrugado e os cabelos brancos. A roda da Fortuna dera meia volta e passara o tempo de amar e ser amado.

O pobre poeta ajoelha aos pés do clérigo e este absolve-o de tudo. Descaradamente, Vénus recomenda-lhe que entre na corte da virtude e despede-se com saudações para Chaucer que, na flor da mancebia, compusera tantos versos e cantigas.

---

<sup>40</sup> *Ib.*, p. 493.

A oração pelo rei da Inglaterra e o elogio das suas virtudes já não pertencem à efabulação da obra. E ouvimos a reflexão de Gower: Estou velho e fraco. É tempo de me deixar de folias. E nós, leitores, temos a impressão de que Deus não entra aqui para nada, a não ser na ideia implícita da morte e das contas que temos de dar a Deus.

MÁRIO MARTINS